



N.º 174 — Lisboa, 22 de Dezembro



6.º ANNO
906

PARODIA

FUNDADOR

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS

Um mez depois de publicado 80 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brazil, anno 52 numeros 35000 rs.
Semestre, 26 numeros 15000 rs. | Africa e India Portugueza, anno. 25000 rs.
Cobrança pelo correio 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros... 35600 rs.

Nota: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho.

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composição e impressão

“A EDITORA,”

L. do Conde Barão, 50

Ordem do dia

J. P. de S.

(Bruno)

Philosopho.

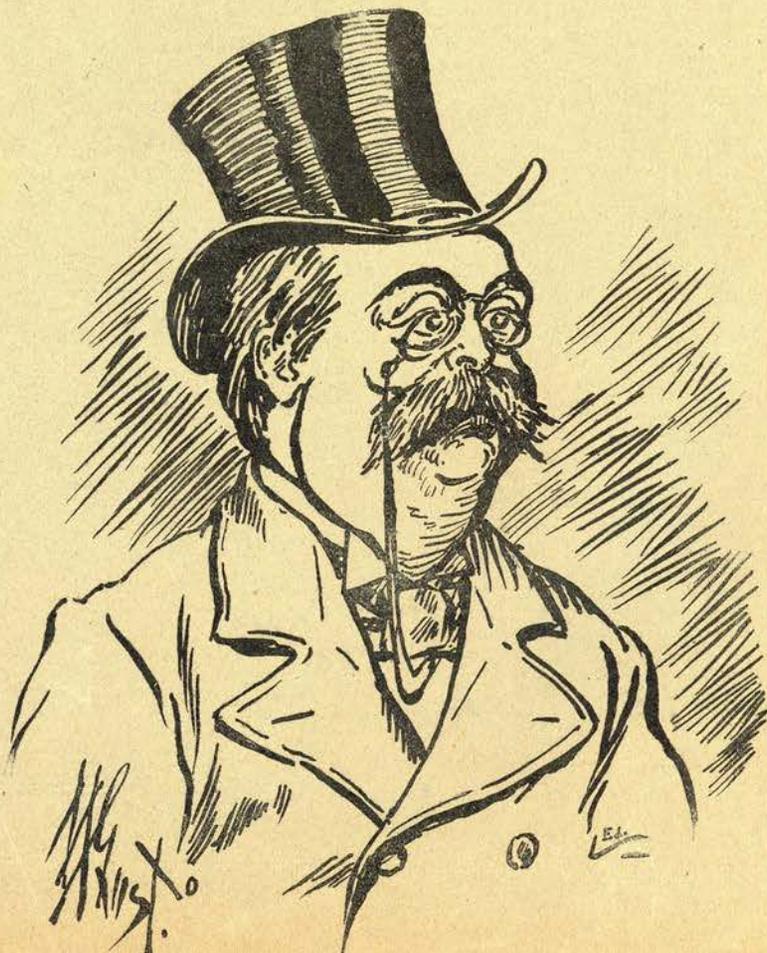
Pensador.

Publicista.

Pamphletario.

Um gordo com a alma de

um magro.



AVISO**Parodia n.º 172**

Devido ao grande successo obtido pelo ultimo numero d'este semanario, e em virtude de se ter exgottado a primeira edição, a empresa previne o publico de que procedeu a uma nova tiragem, e que o referido numero se encontra á venda em todas as tabacarias e logares do costume e na administração

Largo do Conde Barão, 50

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Serviço da Costa Occidental e Oriental d'Africa

ITINERARIO

| | | | | | | | |
|-----------------------|------|-------|-------|-----------------------|-------|-------|-------|
| Lisboa..... (Part.) | 1 | 7 | 22 | Beira..... | 11/12 | -- | -- |
| Madeira..... | 3 | 9 | -- | Lourenço Marques .. | 14/16 | -- | -- |
| S. Vicente..... | -- | 13 | -- | Mossamedes..... | -- | 9 | 22 |
| S. Thiago..... | -- | 14/15 | 28/29 | Benguella..... | -- | 10/11 | 23/24 |
| Principe..... | -- | 23/24 | 7 | Lobito..... | -- | 12 | 25 |
| S. Thomé..... | 13 | 25/27 | 8/10 | Novo Redondo..... | -- | 13 | 26 |
| Cabinda..... | -- | 29 | 12 | Loanda..... | 25 | 14/16 | 27/29 |
| St.º Antonio do Zaire | -- | -- | 13 | Ambriz..... | -- | 17 | 30 |
| Ambriz..... | -- | 30 | 14 | St.º Antonio do Zaire | -- | -- | 31 |
| Loanda..... | 16 | 1/3 | 15/16 | Cabinda..... | -- | 18 | 2 |
| Novo Redondo..... | -- | 4 | 17 | S. Thomé..... | 28 | 20/22 | 4/6 |
| Lobito..... | -- | 5 | 18 | Principe..... | -- | 23 | 7 |
| Benguella..... | -- | 6/7 | 19/20 | S. Thiago..... | -- | 1 | 15 |
| Mossamedes..... | -- | 8/9 | 21/22 | S. Vicente..... | -- | -- | 16 |
| Lourenço Marques .. | 25/2 | -- | -- | Madeira..... | 9 | -- | 20 |
| Beira..... | 4/5 | -- | -- | Lisboa..... (Cheg.) | 12 | 7/8 | 22/23 |
| Moçambique..... | 7/9 | -- | -- | | | | |

VAPORES : Ambaca — Cazengo — Cabo Verde — Angola — Benguella — Zaire — Malange — Portugal — Africa — Loanda — Bolama — Zambezia — Principe — Mindello — Guiné e Lusitania.

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se: NO PORTO: aos agentes srs. H. Burmester & C.ª, rua do Infante D. Henrique.

Séde da Empresa: RUA D'EL-REI, 85 = LISBOA

Real Fabrica de Louça de Sacavem

Deposito geral R. da Prata, 126 a 132

GRANDE SORTIMENTO EM LOUÇA AVULSO

Variadissimos e lindissimos serviços de jantar, de chá e de toilette.

Preços e qualidade sem rival, igual á melhor louça das fabricas estrangeiras.

Não se deve comprar louça sem primeiro ver a de Sacavem.



PARODIA

N.º 174 — LISBOA, 22 DE DEZEMBRO

6.º ANO 906

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados
 Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA
 PREÇO AVULSO 40 RÉIS
 Um mez depois de publicado 80 réis

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

Assignaturas (pagamento adiantado)

| | |
|---|---|
| Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brazil, anno 52 numeros 55000 rs. |
| Semestre, 26 numeros 13000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 25000 rs. |
| Cobrança pelo correio 5000 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros 35000 rs. |

Nota: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data: tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composição e impressão
"A EDITORA,"
 L. do Conde Barão, 50



SOLIDARIEDADE

Carta a um confrade sobre as resoluções da imprensa, ou o silencio calado

CARO CONFRADE:

Solidariedade obriga. O que está feito, está feito, mas como vai ser difficil d'ora avante a nossa tarefa! Vossê, vossês resolveram eliminar da publicidade os nomes, e não são poucos, d'aquelles que hão de intervir na discussão da lei de imprensa, para a impôr á imprensa e ao paiz, e como quer v. que nos batamos pela liberdade que ella offende, se deixamos de ter inimigos a quem combater? Está claro! Os inimigos desappareceram, desde que nós proprios nos encarregamos de os fazer desapparecer com o nosso silencio e os inimigos são os seus defensores. Combatel-os a elles era combatel-a a ella. Sem elles o que nos fica? A lei? A lei é muda. Combatel-a ella só, na sua dura mudez, equivale a dar estocadas n'uma parede. Não se combatem factos, combatem-se homens. Todo o facto que não tem representação pessoal, por muito combatido que seja, fica onde estava.

Vae começar a discussão e a imprensa, segundo o seu accordo, vae limitar-se a dar publicidade ás razões da accusação. Para que devessemos em rigor omittir as razões da defesa era preciso que essas razões fossem boas, o que não é presumivel, porque a causa é má. De todos os modos, as razões da accusação, irrefutadas, perdem todo o interesse. Deixam de ser razões de combate, tanto mais eloquentes quanto respondem a alguma coisa. Ficam sendo razões abstractas, sem relação de tempo, ou de logar e parecendo que se dirigem não contra uma lei de imprensa posta em these, mas contra uma outra, em estado de hypothese. O leitor pega pela manhã no seu jornal e lê, debaixo d'esta rubrica — *Lei de imprensa* o extracto de um discurso que foi pronunciado no parlamento e ao qual ninguem respondeu. O discurso pôde ser admiravel, o que não o impedirá de ser um discurso que ficou sem resposta. Em rigor, deixe-nos dizer-lhe, o leitor e o publico terão a impressão, lendo-o, de que os principios que elle defendeu acabaram por triumphar, visto que não encontraram contradictores. Entretanto, os contradictores irão fazendo a sua obra, a que não é precisa a publicidade da imprensa para ter sanção legal, porque os governos não governam com a imprensa e se algumas vezes encontram n'ella um inimigo terrivel não é quando ella se cala, mas quando falla. Ora, caro confrade, a imprensa deci-

diu senão calar-se, calar e a força da imprensa não é o silencio, mas a palavra. Quando a imprensa combate, longe de calar fala mais do que nunca; longe de dissipar da lembrança publica os nomes dos seus inimigos ou adversarios, mais do que nunca os arrasta para a publicidade justiceira. A força da imprensa consiste em que ella é, a seu talento, um tablado d'honra e um poste de ignominia. Dá a evidencia, mas a sua força vem justamente de poder dar, a par das consagrações gloriosas, as consagrações infamantes. Discutir os homens não é engrandecel-os senão quando elles são grandes. Quando elles são pequenos é reduzil-os ás minimas proporções. Na realidade é esmagal-os.

Antigamente, a imprensa punia os inimigos das suas liberdades estampando-lhes os nomes em letras bem gordas nas suas paginas. As suas liberdades não deixaram por isso de ser esmagadas e os seus inimigos nem por isso deixaram de viver e medrar, mas a imprensa infligiu-lhes a unica punição que realmente os punia — a da publicidade afrontosa.

Mas, nós sabemos! A resolução da imprensa tem em vista retirar aos seus inimigos as vantagens da publicidade de favor; e está o nosso caro confrade bem persuadido de que essas vantagens lhes sejam definitivamente retiradas? e se o forem, por quanto tempo o serão?

E' preciso reflectir que a publicidade que chamamos de favor é quasi tão precisa ao jornal como aquelle que d'ella beneficia, porque o jornal (referimos-nos aos nossos jornaes) não é feito de idéas mas de factos e não de grandes factos, mas de factos pequenissimos. Um grande jornal do typo nacional sente-se, por exemplo, muitas vezes comprometido por não noticiar simplesmente que chegou a Lisboa, ou se ausentou de Lisboa, «o nosso amigo X.» X. precisa, é certo, do jornal que mantem viçoso o seu nome perante um publico que só por isso o conhece e admira, mas o jornal precisa de X., que o enriquece com a noticia das suas chegadas e partidas. Em Portugal ha individuos que dão a impressão de se mobilisarem por conta dos jornaes, por tal forma os jornaes repetem o seu nome e o numero das suas mobilisações. X. vae aos espectaculos publicos, e os jornaes precisam de X. para as suas listas de pessoas que apparecem e

dão nas vistas senão pelo seu genio, pelas suas gravatas. X. dá e acceita jantares e os jornaes precisam não só de *ménus*, mas de convivas. X. expande-se com sumptuosidade nos salões do *Sud-Express* e é necessario aos jornaes preencher os seus *cartonnet-mondains* com algumas viagens elegantes. X. é poeta, X. é homem de letras, X. é autor dramatico e como omittir o poema, como omittir a novella, como omittir a comedia de X?

Não sabemos quaes foram as disposições que os jornaes tomaram para impedir d'ora avante a entrada nas suas columnas aos inimigos da liberdade de imprensa. Calafetou-as? Só assim, porque aquelles que reclamam e obtem a publicidade dos jornaes insinuam-se n'elles como o vento através de uma fresta. O que será preciso de methodo, de disciplina, de fiscalisação, de diligencia para lhes impedir a entrada!

Depois, é esse regimen temporario? E' definitivo? E' uma suspensão de garantias? E' um bannimento? Se é uma suspensão de garantias, por quanto tempo ficam ellas suspensas? O bannimento, se o é, é possivel?

Para que o bannimento fosse possivel, seria preciso que a indisposição da imprensa se chamasse odio e que esse odio fosse pessoal. Seria preciso que cada jornalista offendido pelas disposições da nova lei de imprensa ficasse detestando em especial cada um dos autores e collaboradores da referida lei, e se é possivel odiar um homem é pouco pratico odiar cincoenta ou cem. O odio é um sentimento virulento, mas não dá para mais de um.

Resumindo: a resolução da imprensa, com a qual, como viu, já nos declaramos solidarios, vai limitar sensivelmente o nosso campo de acção e a nossa actividade.

Sobram-nos factos, mas faltam-n'os homens e ao combate são precisos os homens. Os factos não se deixam derubar. Só os homens cahem.

Segundo a sua resolução a imprensa pôz termo á controversia. Fica monologando.

Todo o combate contra a lei de imprensa pôz termino á controversia. Fica monologando.

JOÃO RIMANSO.

O apalpãozinho da cosfa

Lembram-se do Caruso, um tenor que ahi esteve, em S. Carlos?



Pois a esse magano, ultimamente, na America do Norte, por onde andava berrando como uma cabra bebada por um dinheirão, deu-lhe para apalpar as americanas. Americana boa que lhe passasse ao alcance do gata-fovo levava atracção pela certa.



Aquillo foi coisa do clima. A nós ninguem nos tira da cabeça que foi pôr influencia do clima que o Caruso fez taes inconveniencias.

Cá em Lisboa esteve elle muito tempo e não apalpou portugueza alguma. Ou então, se apalpou, nenhuma se deu por apalpada.

Chamem-lhes tolas.

Mas voltando á vaca fria, isto é, á americana quente, o amigo Caruso tanto abusou do apalpão que houve um escandalo medonho n'uma estação de caminho de ferro, onde uma dama demasiadamente apalpada gritou aqui-presidente da republica! que é a maneira porque lá se grita aqui-d'el-rei!

Teve mestre Caruso que ir impingir a gritaria para outra parte, para que não lhe apalpassem o fundo das costas com uma valentissima pateada.

O caso produziu tanta impressão

em toda a America, que não se fallou durante dias n'outra coisa.

E deu-se um facto muito curioso.

Ultimamente, n'uma estação de caminho de ferro, onde estava muita gente esperando a chegada do comboio, uns americanos que alli estavam, vendo em volta d'elles muitas senhoras, levantaram os braços e, n'essa horrivel posição estiveram durante alguns minutos.



E' facil de comprehender a allusão. Esses cavalheiros queriam assim afirmar a sua innocencia, se alguma das damas tivesse, no apertão, sido apalpada...

O melhor da historia é, porem que, quando esses escrupulosos individuos se encontraram a sós, e, portanto, baixaram os braços, verificaram que por seu turno tinham sido tão bem apalpadados... que lhes faltavam as carteiras.

Logo o governo americano, liberal como o do sr. João Franco, ordenou a bem dos seus cidadãos que á Sabedoria dos Estados Unidos, que é a Sabedoria das Nações da America do Norte, se accrescentasse esta sentença profunda:

Apalpa-as antes que elles te apalpem.

Sempre praticos, estes americanos!



O pacifismo

Umás damas francezas de muita madureza, coitadinhas, estabeleceram em Paris uma geringonça qualquer com o titulo «La Paix et le Desarmement par les femmes», á qual preside a esposa do astrónomo Flammarion, senhora que, apesar de ser muito partidaria da paz, faz com que o marido veja as estrellas a todas as horas.

A senhora Flammarion já nomeou representante da nova instituição em Lisboa e a coisa parece que pega.

No nosso entender, os fins e titulo do novo gremio deviam ser modificados

em sentido mais liberal, dando-se tambem representação ao bicho homem.

Assim, a melhor maneira de conciliar todos os interesses seria ficarem as senhoras em Paz em quanto os homens que estivessem pelos ajustes se dedicassem ao Desarmamento.



D'outra forma é uma toirada que ninguem se entende.



D. Amelia

“Viagens de Gulliver,”

São convidados todos os heroes do mar e o nobre povo a irem ao theatro de D. Amelia vêr as maravilhosas *Viagens de Gulliver*, um magico que correu a estranja toda sem pedir um unico adeantamento além d'aquelles que a empresa votou para a montagem da peça.

Segundo a opinião auctorisadissima do João Franco do Gulliver, que é o visconde de S. Luiz de Braga, toda a familia lisboeta que se governa por uma administração séria e honesta, deve ter no seu orçamento verba para a compra de um camarote, ainda que tenha de cortar outras despesas, que na opinião de s. ex.^a são os erros que de longe vem.

O amigo Braga mandou ouvir a procuradoria geral da sua corôa de procurar sobre se devia interromper as representações da peça no fim do anno e abrir solememente a época em 2 de janeiro. A procuradoria foi de parecer que as representações não fossem interrompidas, devendo até haver *matinées* para se não discutir mais as probabilidades da coisa dar para o orçamento, que deve ficar coberto até o dia de Reis, tal é a quantidade de correligionarios que vae á rua do The-souro Velho comprar bilhetes.

Este é que não sabe nada!



NAS HORAS D'ESTALAR...



Augusto Bordallo Pinheiro

—“Tenha juízo”. Veja lá por onde vae!...

O discurso presidencial

Durante a semana finda e ainda n'esta, tem-se procedido em todo o paiz a affixação e distribuição do discurso do sr. presidente do conselho, que o deputado Aristides da Motta se lembrou de impingir á gente com o apoio de todos os seus collegas da concentração liberal.

Tem sido uma verdadeira praga, o maldito discurso.

Está a gente na cama e appetite-lhe lêr o jornal no quente.

Chama a criada e pergunta:

— Oh Maria, já veiu o *Seculo*?

— Não senhor.

Mas d'alli a pouco sente-se qual-quer coisa a fazer fru-fru por baixo da porta. E' o jornal!

— Oh Maria, lá mettem o homem o jornal por baixo da porta. Dê cá.

— Não é, meu senhor. O que mettem foi o discurso do João Franco.

Sae a gente de casa e na primeira esquina mettem-lhe um papel na mão.



— Deve ser o programa do Colyseu. Talvez lá vá hoje. Ora deixa vêr que tal é o espectáculo...

Olha se para o papel. E' o discurso do sr. João Franco.



Chega a gente ao seu escriptorio, á sua repartição, á sua loja, a qual-quer parte, incluindo aquella onde menos espera ir. Encontra um envelope quadrado, amarello, com o seu nome.

— Ah, a resposta do F. Ora graças, já ia tardando!

Rasga-se o envelope, tira-se o papel, desdobra-se, lê-se: é o discurso do sr. João Franco!

Compra-se qual-quer coisa n'uma loja e embrulham essa coisa em que? N'um discurso do sr. João Franco!

Olha-se para qual-quer esquina e o que se vê? O discurso do sr. João Franco!

E' um tormento, esse discurso.

Ha dias um amigo nosso teve necessidade de tomar um laxante. To-

mou e deu-se tão bem, que andou durante seis horas do quarto da cama para um gabinete reservado e do gabinete reservado para o quarto da cama.

N'uma d'estas viagens, com paragem no gabinete reservado, poz-se a gritar lá de dentro:

— Oh Joaquina!

— Meu senhor!

— Dá-me d'ahi um papel.

— Não ha nenhum, meu senhor!

— Qual não ha! Não tem ahi o discurso do João Franco?

— O menino deu cabo d'elle.

— O raio do rapaz, com aquellas ideias avançadas ainda me ha-de dar desgosto serio!... Então, Joaquina, eu fico aqui?

— Oh sr., que remedio! Espere que o João Franco faça outro discurso!

— Oh mulher então eu hei-de esperar que elle o faça, que a camara o mande affixar, que a Nacional o imprima, que m'o mettam por baixo da porta para emfim eu o metter... Você está doida! Olhe, chegue alli á rua da Emenda, dê muitos recados meus ao sr. presidente do conselho e que lhe peço o favor de me mandar já, já, um exemplar do seu discurso porque sinto... ai! ai!... porque sinto... as minhas convicções muito abaladas...



Com vista á "Propaganda de Portugal"

Telegramma de Villa Franca de Xira para o illustre collega *Diario de Noticias*:

«A agua pé está-se vendendo (sem sello) a 20 e a 30 réis o litro e o vinho novo a 40 réis».

Com vista á *Propaganda de Portugal*. Pedem-se comboios baratos para Villa Franca á hora das tres refeições.



Influencia do sabonete nos destinos da patria portugueza

Quando em um dos ultimos numeros da *Parodia* registamos o apparecimento dos charutos regeneradores, «dedicados ao partido regenerador», bacorejamos o apparecimento, para

breve, de qual-quer coisa dedicada aos republicanos, que n'estes casos não ficam atraz dos monarchicos.

Mais uma vez fomos prophetas.

Acabam de ser lançados ao mercado os «Sabonetes republicanos», dedicados, tambem, aos illustres caudilhos do partido radical, cujos retratos ornann os involucros da nova mercadoria.

Assim, a effige do sr. Bernardino Machado envolve um quadrilongo ressendo suavemente a violeta, o retrato do sr. Affonso Costa um outro trescalando a trevo, o do sr. Antonio José de Almeida um que exhala aromas que não tem rival, a mil flores, o do sr. Alexandre Braga um sabonete de glicerina.



Como meio de propaganda, o sabonete republicano desbanca tudo quanto até agora tem apparecido, a começar nas bolachas de Eduardo Costa e a terminar nos chapéus á França Borges, com escala pelo vinho *Tribuno*, dedicado por Borges & Irmão ao dr. Antonio José de Almeida.

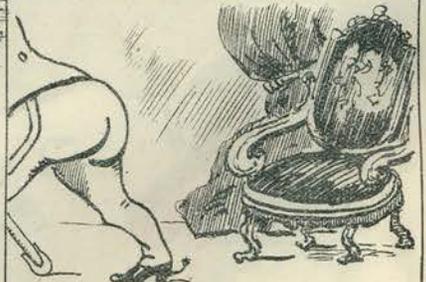
Permitta Deus que o espirito partidario leve todo o bom cidadão a comprar estes sabonetes—ou outros quaesquer.

Na magna questão de limpeza pessoal, temos responsabilidades todos, monarchicos e republicanos. Quer dizer, em ambas as facções ha porcahlhões de se lhes tirar o chapéu e de levar os dedos ao nariz.

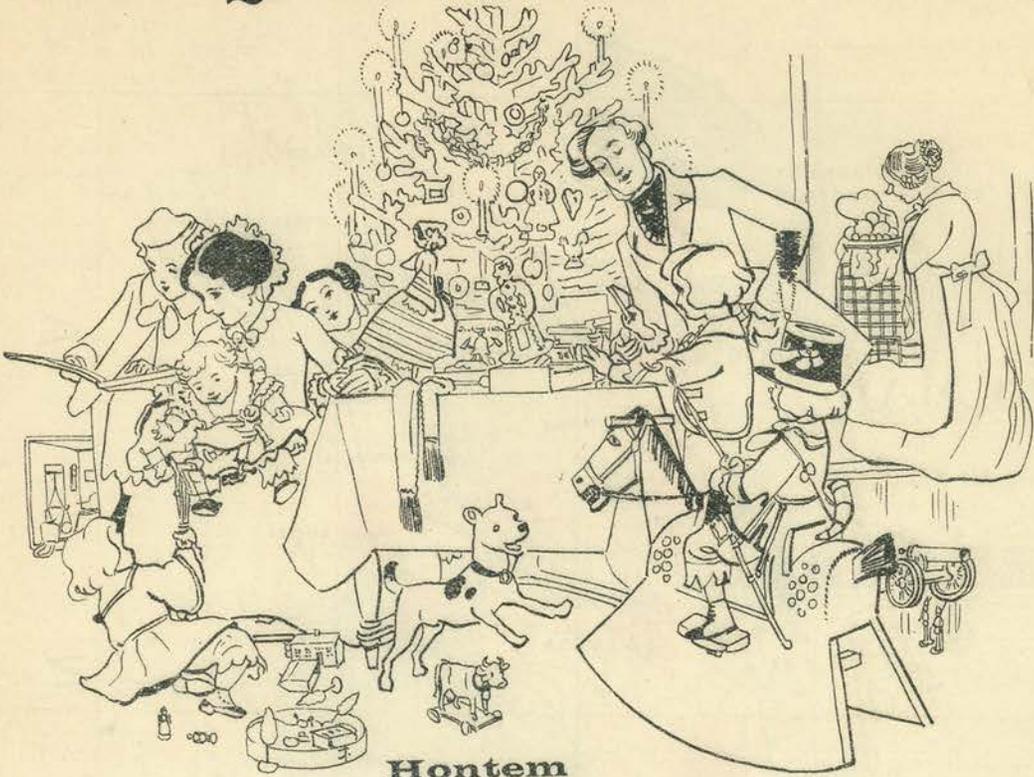
Os republicanos creando e adoptando um typo de sabonete prestaram maior serviço ao paiz que todos os serviços feitos pelos monarchicos em 60 annos de constitucionalismo.

E' preciso ser cego para não ver isto.

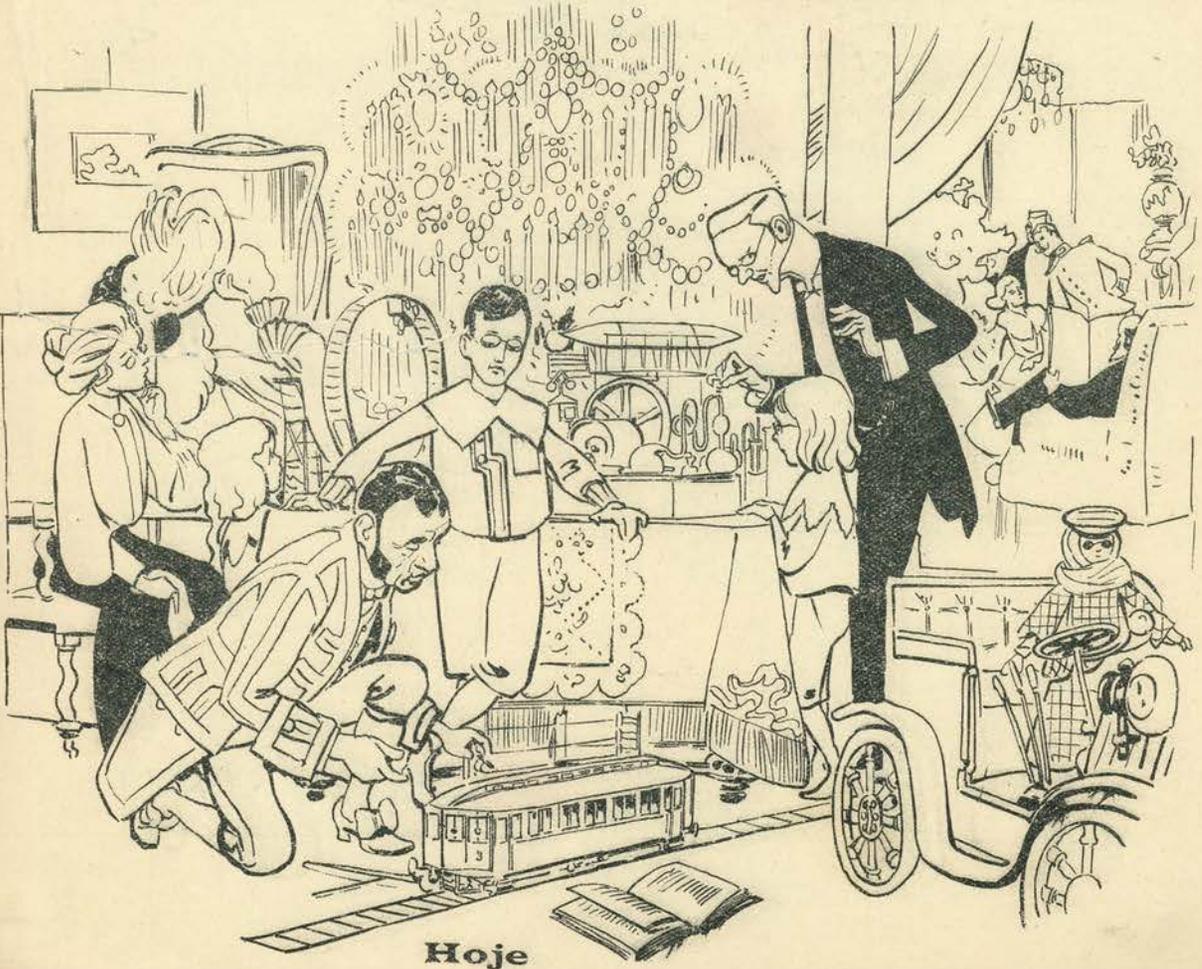
Que a Monarchia se acautella. A Republica já tem Sabonetes. No dia em que ella tiver esponjas—a Monarchia ficará tramada...



BRINQUEDOS DO NATAL



Hontem



Hoje

O NOVO MAPPA DE PORTUGAL

O NOVO MAPPA DE PORTUGAL

